

HOMEM E A DANÇA: PRECONCEITO E DIFICULDADES *MAN AND DANCE: PREJUDICE AND DIFFICULTY*

Aline de Souza Consoli¹

Thiago Henrique Rodrigues²

Leandro Oliveira da Cruz Siqueira³

RESUMO: O estudo objetivou verificar a relação do gênero masculino com a prática de dança a partir de questões sociais como preconceito e dificuldades na área da atuação. Participaram dessa pesquisa 20 profissionais de dança, do sexo masculino, com idade entre 18 e 47 anos, atuantes na cidade de Bebedouro/SP. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário aplicado aos participantes. Os resultados mostraram que 61% dos participantes sofreram algum tipo de preconceito relacionado ao gênero. Quanto às dificuldades que os homens têm para dançar, a “timidez” (24%), “rotulação que dança é para mulheres” (24%) e “relação com a homossexualidade” (22%) foram as mais citadas. Pode-se concluir que a maioria dos participantes enfrentam preconceitos em sua área de atuação e que o público masculino tem dificuldade em praticar a dança devido, em sua maioria, à timidez e à associação da dança como uma prática tipicamente feminina.

Palavras-chave: Homem, Dança, Preconceito.

ABSTRACT: *The objective of this study was to verify the relation of the male gender with dance practice through social issues, like prejudice and difficulties in this kind of work. 20 dance professionals participated in this research, male people, age between 18 and 47 years, working in the city of Bebedouro/SP. For the data collection a questionnaire was applied to the participants. The results showed that 61% of the participants suffered some kind of prejudice related to the gender. About the difficulties that men have to dance, the “shyness” (24%), “labeling that dance is for women” (24%), and “relation to homosexuality” (22%) were the most said. It is possible to conclude that most of the participants fight prejudice in their work area and that the male public has difficulty to practice dance in most of the cases because of shyness and the cultural link that says dance is a feminine practice.*

Keywords: Man, Dance, Prejudice.

¹Graduanda em Bacharelado em Educação Física no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: aline.consoli@hotmail.com.

²Graduando em Bacharelado em Educação Física no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: thiagohr3@yahoo.com.br.

³Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Professor dos Cursos de Educação Física no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: le_siqueiraedf@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A dança é a arte mais antiga que existe (VIANNA, 2005). Segundo Bencardini (2012), com o passar do tempo os conceitos que giram em torno da dança foram se transformando, mas atualmente pode-se dizer que envolve a movimentação do corpo em harmonia com o ritmo corporal. Já para Mendes (2010), trata-se de um produto do imaginário, de imagens criadas por quem as interpreta e que são simbolizadas através da dança. Ainda para Turner (2014), trata-se de uma linguagem, na qual normalmente vem acompanhada de músicas e é utilizada para transmitir significados. Sua origem é tão antiga quanto o próprio surgimento da humanidade, revestida de diferentes significados para diversas culturas em todas as épocas. Os povos antigos utilizavam a dança como suporte em suas atividades como a caça, educação, guerra ou adoração (BARBOSA, 2012). Segundo Mendes (2015), a dança era uma forma de comunicação com os deuses antigamente, na origem da humanidade. Para Fahlbusch (1990), a dança é a arte mais antiga, e na pré-história já ganhava formas por meios de movimentos e expressões do corpo e da alma. Antes de “fazer fogo”, caçar e até mesmo fazer gravuras nas cavernas, registros históricos da época demonstram que o homem já fazia movimentos rítmicos para simplesmente se aquecer e comunicar.

Ainda, conforme apontado por Portinari (1988), a dança antecede até mesmo a própria fala do homem, é algo que está intrínseco em sua natureza. Sendo assim, pode-se dizer também que a dança é um meio de comunicação, já que não é necessário a pessoa usar a boca para produzir sons e se comunicar com o outro socialmente, pois através dela o homem é capaz de se expressar e demonstrar seus sentimentos (ANDREOLI, 2010). Reforçando esta ideia, Tadra (2009) relata que desde o início, mesmo sem o uso da fala, o homem por meio da expressão já se fazia entender em qualquer canto, por todos os povos e por mais longe de casa que ele estivesse. Ele simplesmente se fazia entender por suas expressões ritmadas como dor, amor, alegria, raiva, ou seja, tudo que estava em seu pensar ele reproduzia para se fazer entender.

Então, conforme verificado por Deheinzelin e Lima (1994), em toda existência humana a dança se fazia presente por toda sua representatividade, seja ela por fatos ocorridos, como a comemoração do final de uma guerra, por acontecimentos caracterizados como agora, como o nascimento de um herdeiro, ou o que estaria por acontecer, como um noivado entre reinos ou até mesmo uma colheita próspera,

deixando assim a sua linguagem marcada na história. Portanto, nota-se que dentre as diversas manifestações culturais, sociais e artísticas, a dança tem seu papel fundamental nos povos da humanidade. Este olhar antropológico deixa claro o lugar da dança propositalmente na história humana, dividindo assim dançarino e a sociedade na qual o mesmo pertence (HANNA, 1999).

Desta maneira, percebe-se que desde os primórdios da existência humana homem e dança evoluíram juntos, tanto nos aspectos emocionais, quanto nas formas de expressões e toda sua transformação (VERDERI, 2000). Nesse sentido, Andreoli (2010) afirma que a dança sofreu algumas mudanças, e se reinventou passando por diversas transformações culturais ao longo do tempo. Como exemplo dessas mudanças ocorridas, pode-se citar a relevância dada a participação dos gêneros masculino e feminino em cada época. O balé por exemplo, no início apenas homens dançavam, porém com tempo as mulheres foram ganhando espaço. Devido a características como delicadeza e leveza, esse espaço acabou se tornando uma arte referencialmente feminina, deste modo o homem que dança abre espaço para as manifestações de preconceito nos dias atuais, onde se construiu uma visão de que homens que dançam são homossexuais (DOMINGUES e BANDEIRA, 2010).

É preciso, aliás, esclarecer a diferença que existe entre os termos "sexo" e "gênero". Segundo Weeks (2000), "sexo" refere-se à divisão entre homem e mulher, no sentido biológico; enquanto que "gênero" se trata de uma diferença social entre homem e mulher. Também nesse sentido, Scott (1995) enfatiza que o gênero está ligado a dois fatores: o primeiro social e o segundo cultural, ambos feito na construção ao longo do tempo. Essa concepção se baseia na percepção de diferenças de sexo. Gênero é o sexo social resolvido. Vê-se, pois, que essas diferenças sexuais e de compreensão social são criadas a fim de estreitar culturalmente as relações e novos conceitos do mundo. Para Pope, Phillips e Olivardia (2000, apud CALLIGARIS, 2000), nos últimos decênios, o corpo é incumbido de trazer marcas da diferença entre feminino e masculino. Porém não se diferenciam mais pelas funções sociais pertencentes. Nos dias atuais somos femininos e masculinos por nossas escolhas, e não por obrigação.

Cabe salientar que desde a infância, tanto no convívio escolar ou fora dele, as crianças são habituadas a fazer diferenciação de coisas e costumes que são colocados como sendo específicos para homens ou para mulheres. Os pais costumam dizer a seus filhos que menino não pode chorar, assim como menina não pode sentar

com as pernas abertas (JESUS, 2005). Nesse sentido, Giusepp e Romero (2004) apontam que essas questões de gênero é algo que se percebe desde o início da jornada na escola. Propriamente no ensino básico, há uma divisão entre meninos e meninas, divididos por características de gênero, como coisas de meninos e coisas de meninas. Neste contexto, fica claro que as crianças acabando por incorporarem referências como “rosa é de menina”, “homens não choram” e “homens não dançam”. O mais preocupante, contudo, é constatar que já a partir daí se cria a ideia preconceituosa de que homem não dança e assim as relações de gênero vão se afastando e pouco se vê de aproximação e interação entre meninas e meninos. Assim, preocupa o fato de que isso só distancia cada vez mais esta relação, cultivando assim intolerância entre os gêneros, aumentando o preconceito. Segundo Barbanti (2011), esse (pré) conceito é um sentimento onde o indivíduo tem em preestabelecer o pensar, notar, atuar e sentir o que ele acredita ser de juízo conveniente (ou, mais frequente inconveniente) sobre coisas ou outros indivíduos.

Diante dessa realidade, observa-se que existe um conflito entre a questão de gênero na dança e o preconceito. Sendo assim, buscou-se através deste estudo verificar no município de Bebedouro/SP, a relação do gênero masculino com a prática de dança a partir de questões sociais como preconceito e dificuldades na área da atuação. Especificamente, o objetivo da pesquisa foi avaliar as atividades profissionais na área de dança, sua prática e tempo na modalidade. O segundo dos objetivos específicos foi expor possíveis dificuldades em relação à prática de dança, preconceito de gênero e obstáculos profissionais. Portanto, é necessário entender a relação entre os gêneros e a prática de dança, suas possíveis dificuldades e preconceitos existentes, independentemente da modalidade de prática. Com isso, esse trabalho possuiu o intuito de avaliar essa relação e trazer possíveis questões que possam auxiliar os profissionais da área de dança, profissionais de Educação Física e futuros praticantes e adeptos da dança.

2 MATERIAIS E MÉTODO

Esta pesquisa foi desenvolvida e classificada de maneira que fosse possível atingir o seu objetivo de forma mais eficiente. Quanto aos objetivos, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa transversal do tipo descritiva, pois pretendeu apresentara relação do gênero masculino com a prática de dança a partir de questões

sociais como preconceito e dificuldades na área da atuação. De acordo com Rampazzo (2005), a pesquisa descritiva é aquela onde procura descobrir com que frequência um determinado fenômeno ocorre, além de conhecer variadas situações da vida e comportamento de uma sociedade.

Quanto aos procedimentos, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de levantamento ou *survey*. Conforme Gil (2017), esse tipo de pesquisa nos permite conhecer diretamente a realidade das pessoas, suas opiniões e atitudes, quantificando os resultados obtidos e possibilitando uma melhor análise da população estudada.

No tocante à forma da abordagem do problema, devido ao uso de questionário com predominância de perguntas fechadas para a coleta de dados, essa pesquisa caracteriza-se como quantitativa referente ao tratamento dos dados. Segundo Fonseca (2002), a pesquisa quantitativa envolve dados que são possíveis de quantificar e seus resultados constituem uma representação da realidade do público analisado.

2.1 Participantes

Participaram dessa pesquisa 20 indivíduos, praticantes e profissionais de dança, atuantes na cidade de Bebedouro/SP. Foram estabelecidos os seguintes critérios para composição da amostra: idade entre 18 e 47 anos, sexo masculino, moradores da cidade de Bebedouro/SP e estarem atuando na prática da dança.

2.2 Instrumentos da pesquisa

Para a elaboração deste estudo, as informações foram obtidas através de um (1) questionário composto de perguntas abertas e fechadas, no qual o profissional colocou informações em relação tempo de exercício na prática de dança, que estilo de dança é ministrada, quais as dificuldades em trabalhar dança com homens, quantidade de homens em sua sala de aula, experiências com o envolvimento do preconceito do gênero masculino na dança, entre outras informações relevantes para o estudo. Tais perguntas foram organizadas visando alcançar o objetivo da pesquisa,

cuidando dos aspectos gramaticais e sintáticos tendo em vista clareza no entendimento das questões.

2.3 Procedimentos

A pesquisa foi realizada após o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNIFAFIBE, conforme processo número 96074418.7.0000.5387. Após os procedimentos éticos, os participantes foram selecionados e os objetivos do estudo foram esclarecidos. Aqueles que concordaram em participar do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando sua participação na pesquisa.

A coleta de dados foi realizada em um único momento, e o local escolhido para o desenvolvimento dessa pesquisa foi o Centro Esportivo do UNIFAFIBE, que possui amplo espaço e uma excelente infraestrutura de apoio nessa etapa da pesquisa. Os questionários foram aplicados individualmente para cada participante, em local reservado para que se sentissem confortáveis e sem interferências externas que pudessem prejudicar o andamento da coleta.

O pesquisador acompanhou cada participante durante as respostas aos questionários para esclarecer possíveis dúvidas em relação aos sentidos expressos em cada item.

2.4 Análise dos Dados

Em relação a parte quantitativa, os dados foram tratados por meio de estatística descritiva, através da análise da frequência e média e desvio padrão das respostas. O programa utilizado para as análises foi o Microsoft Excel 2016.

Para organizar os dados obtidos pelas questões abertas da pesquisa, utilizou-se o método da análise de conteúdo, com a técnica categorial, com a finalidade de extrair as informações mais importantes, mediante procedimentos sistemáticos de descrição dos conteúdos das mensagens. Bardin (2011) mostra que esse tipo de análise, utilizada em abordagens quantitativas ou não, consiste na divisão do texto em categorias semelhantes e é indicada nos casos em que se pretende verificar com que

frequência certas respostas aparecem. Inicialmente foi feita a leitura das respostas e em seguida a exploração do conteúdo. Após, procedeu-se à identificação de algumas categorias existentes nos conteúdos das respostas dos indivíduos, que foram divididas em algumas subcategorias, onde foram organizadas as respostas e destacados em negrito os trechos mais expressivos das respostas que embasaram a análise. Neste caso escolheu-se organizar a estrutura dos conteúdos a partir de um dos temas centrais do estudo, ou seja, o preconceito. Desta forma, dividiu-se as respostas da seguinte maneira: 1) Preconceitos e 2) Não-Categorizável, para as respostas que não se encaixassem na categoria 1. Como subcategorias, estabeleceu-se o seguinte: 1) Relacionado à cor, 2) Relacionado ao gênero, 3) Relacionado ao biótipo, 3) Relacionado à profissão e 4) Relacionado ao estereótipo. Para fins de registro e citação, atribuiu-se a letra “P” seguida de uma numeração sequencial que vai de “1” a “20”, para cada um dos indivíduos participantes. Os resultados desta análise foram expostos na seção seguinte.

3 RESULTADOS

Foram entrevistados 20 participantes, com média de idade de 31,9(±8,6) anos, sendo que a maioria possui ensino superior completo (55%). O local mais citado onde ministram as aulas foi “particular” (34,21%), seguido de “academias” (28,95%) e “escolas” (28,95). Dos que possuem ensino superior completo, 92% atuam na área de Educação Física. A maior parte dos entrevistados (55%) atua há mais de dez anos na área da dança. Em relação ao estilo de dança que os entrevistados praticam, o “programa para academias” foi o mais assinalado (31%), posteriormente “outros” (26%), “hip-hop” (15%), “balé” (15%) e por fim “dança de salão” (13%). Quando questionados se tiveram algum incentivo ou foram estimulados de alguma forma para iniciar no mundo da dança, a grande maioria (75%) dos entrevistados responderam que sim.

Dos que assinalaram a opção “outros”, foi feita a organização dos resultados encontrados conforme QUADRO 1.

QUADRO 1. Outros estilos de dança.

Estilos de dança
Jazz
Dança contemporânea
Músicas infantis
Corpo coreográfico feminino
Ritmos (sertanejo, axé e funk)
Sapateado
Zumba

Ao responder sobre qual era a principal fonte de renda dos entrevistados, a minoria (45%) afirmou que era proveniente da profissão de dançarino ou professor de dança, e a maioria (55%) afirmou que era proveniente de outras fontes, cujas respostas foram organizadas no QUADRO 2.

QUADRO 2. Outras fontes principais de renda.

Outras fontes principais de renda
Instrutor de academia
Personal trainer
Representante comercial
Autônomo
Professor de Educação Física
Decorador
Empresário
Musculação
Aulas particulares
DJ
Professor de Artes

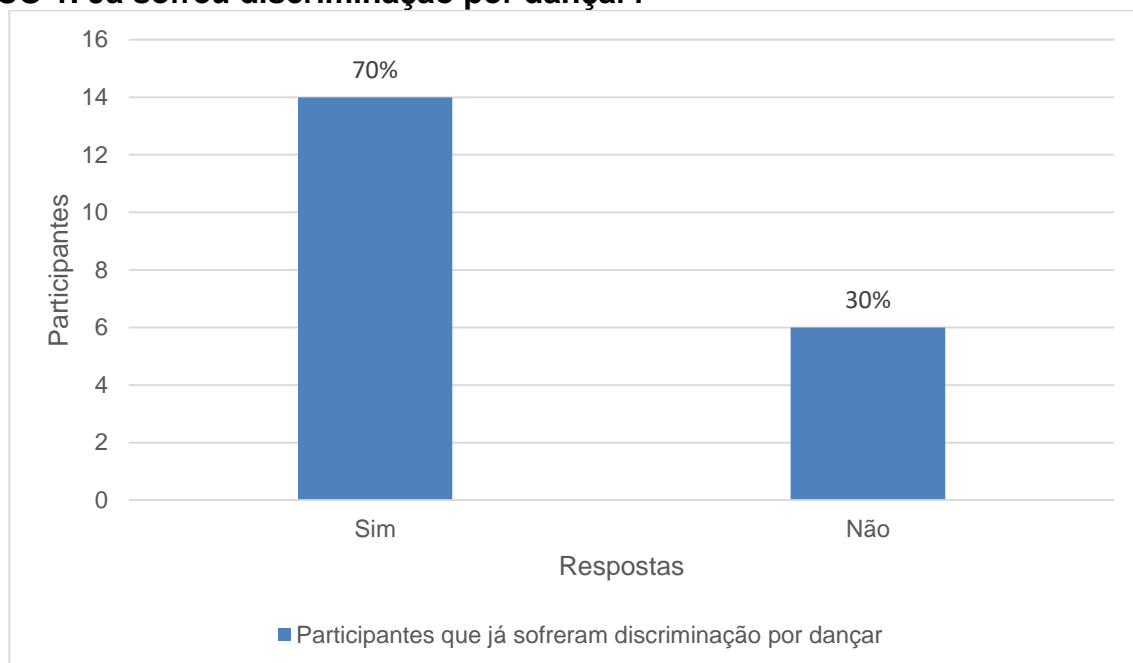
Foi perguntado aos entrevistados se trabalham com alguma atividade física paralela à dança, e a “musculação” foi a atividade mais citada (23%), logo após vem “esportes” (20%), “nenhuma” (20%), “ginásticas” (17%), “outras” (10%) e “natação” (3%). Nenhum dos participantes assinalou a opção “artes marciais”. Dos que responderam “outras”, as respostas foram organizadas no QUADRO 3.

QUADRO 3. Outras atividades físicas que os entrevistados trabalham paralelas à dança.

Outras atividades físicas paralelas à dança
Treinamento funcional
Corrida
Aulas de Educação Física

A maior parte dos entrevistados (70%) relatou que já sofreu algum tipo de discriminação por dançar (GRÁFICO 1).

GRÁFICO 1. Já sofreu discriminação por dançar?



Além disso, 65% afirmou que já tiveram a sexualidade de alguma forma questionada ou colocada em evidência pela sociedade.

Ainda foi feita a seguinte pergunta aberta para os entrevistados: *Quais foram os preconceitos sofridos durante sua trajetória profissional?* Os resultados obtidos são apresentados a seguir (QUADRO 4) e foram organizados conforme a metodologia de análise de conteúdo categorial (Bardin, 2011). Dentre os 20 participantes, 13 descreveram os preconceitos sofridos. Os participantes 3 e 11 relataram que não sofreram preconceitos, já os participantes 6, 18 e 19 não responderam à questão. Os participantes 2 e 5 não foram categorizados tendo em vista que suas respostas apenas explicam as consequências dos preconceitos que sofreram, mas não deixam evidente a quais preconceitos se referem. Em seguida foi elaborado um gráfico com o percentual estatístico da categoria “preconceitos” (GRÁFICO 2).

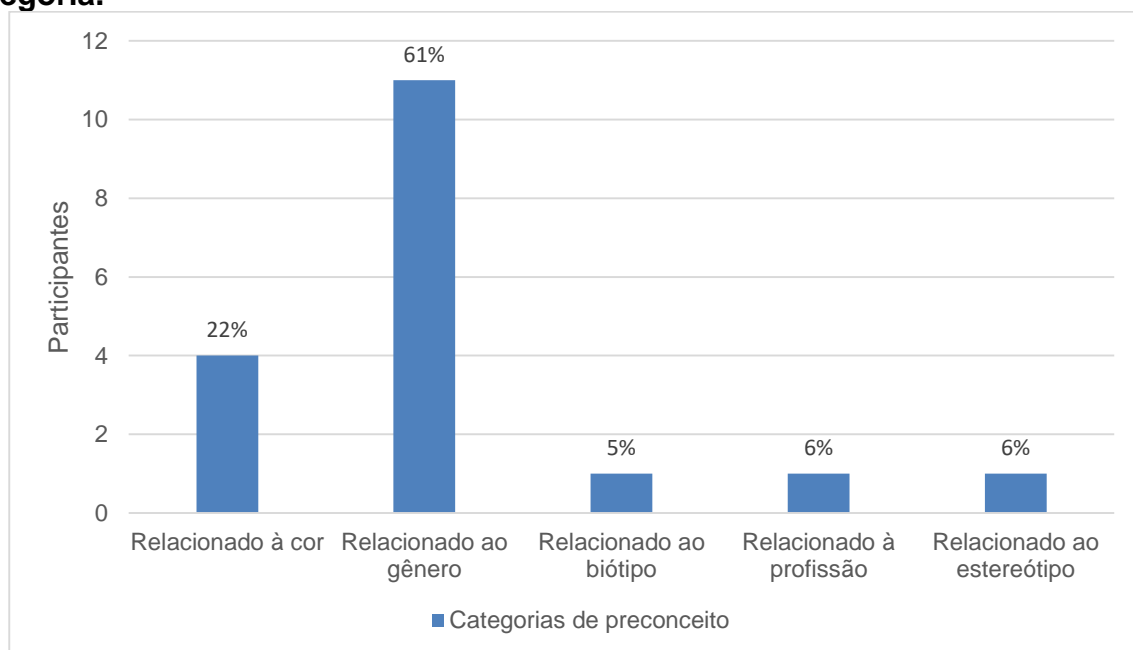
QUADRO 4. Quais foram os preconceitos sofridos durante sua trajetória profissional?

Categoria	Subcategoria	Unidade de Contexto
Preconceitos	Relacionado à cor	<p>P7: “Por ser homem, ser negro, por ser professor de dança”</p> <p>P14: “Pela cor e o sexo masculino”</p> <p>P15: “Porque sempre que eu dançava, ninguém aceitava que eu fosse negro, homem e rebolava”</p> <p>P20: “Por ser homem e ser negro”</p>
	Relacionado ao gênero	<p>P7: “Por ser homem, ser negro, por ser professor de dança”</p> <p>P8: “Ataques morais por ser homem dançando ballet clássico”</p> <p>P9: “Sinto uma dificuldade por ser homem. Alguns pais olham de maneira diferente”</p> <p>P10: “Amizades, familiares, preconceito por opção sexual”.</p> <p>P12: “Assemelham com uma arte feminina”</p> <p>P13: “Sobre a sexualidade”</p> <p>P14: “Pela cor e o sexo masculino”</p> <p>P15: “Porque sempre que eu dançava, ninguém aceitava que eu fosse negro, homem e rebolava”</p> <p>P16: “Porque homem não pode dançar, homofobia”</p>

Continua

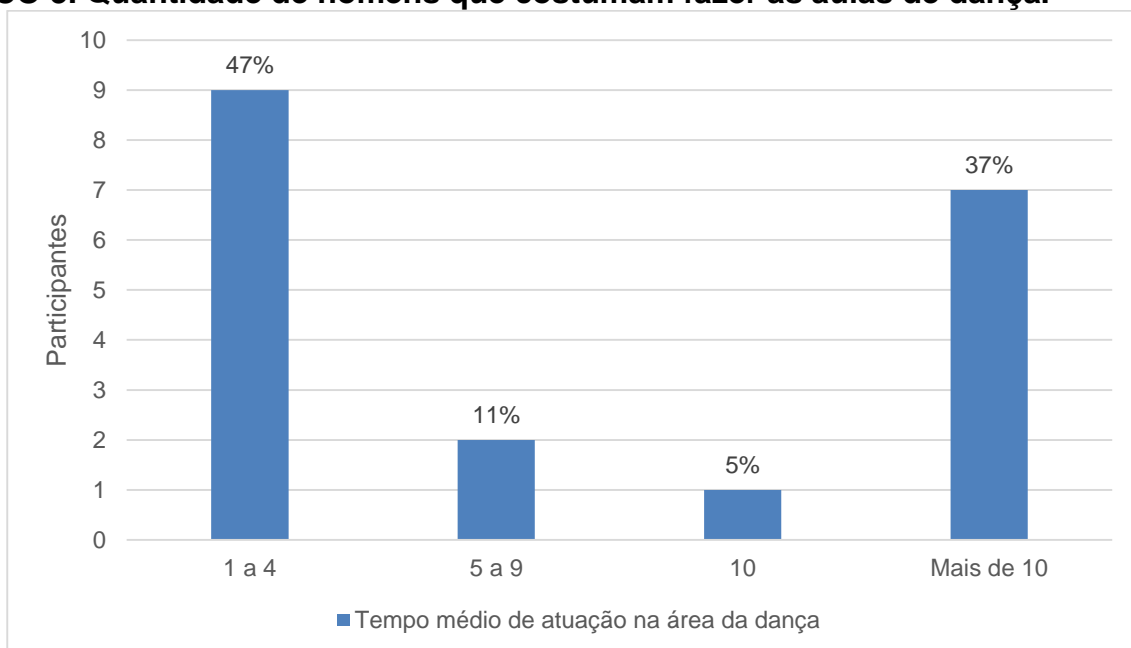
Categoria	Subcategoria	Unidade de Contexto
	Relacionado ao gênero	P17: “ O fato da dança ser associada ao sexo feminino ou ter a sexualidade questionada de forma superior à capacidade de dançar. Estar acima do peso e dançar” P20: “ Por ser homem e ser negro”
	Relacionado ao biótipo	P17: “O fato da dança ser associada ao sexo feminino ou ter a sexualidade questionada de forma superior à capacidade de dançar. Estar acima do peso e dançar ”
	Relacionado à profissão	P1: “ Em relação à profissão como renda. Se isso dura a longo prazo, se dá dinheiro ”
	Relacionado ao estereótipo	P4: “ Comparado com gangues de rua ”
Não categorizável		P2: “Perdi algumas amigas e me apelidaram de alguns nomes” P5: “Ofensas, difamações, perda de amigas, demissão de emprego”

GRÁFICO 2. Preconceitos sofridos durante a trajetória profissional dividido por subcategoria.



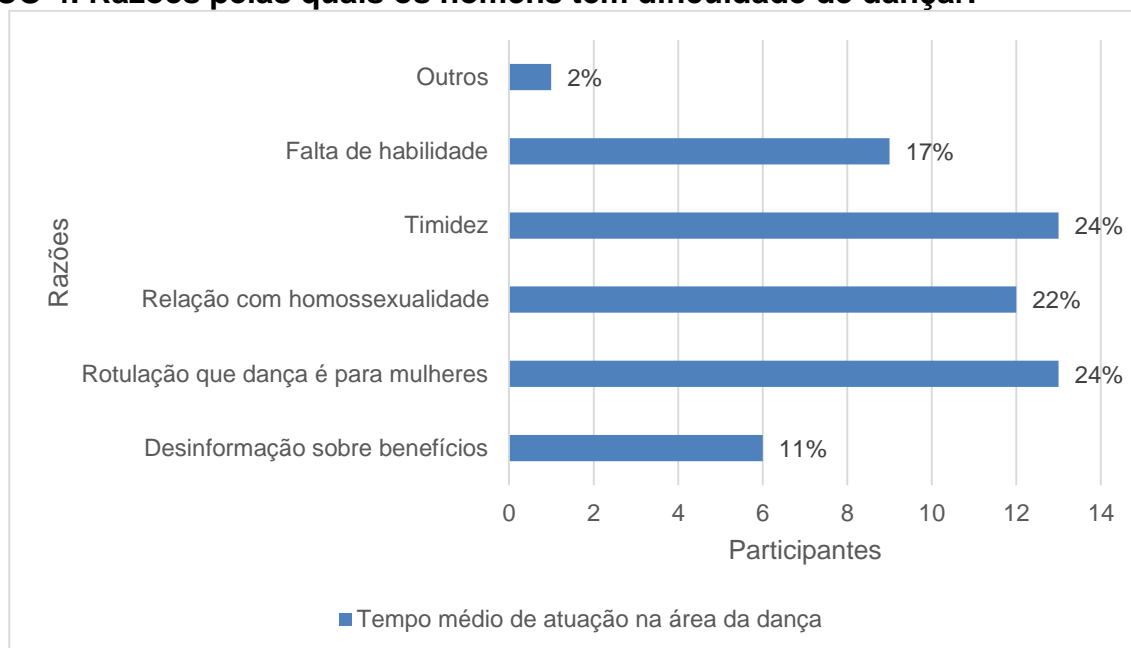
É importante relatar que 60% dos entrevistados afirmaram que homens costumam fazer suas aulas, que 35% disseram que somente às vezes e apenas 5% disse que homens não fazem suas aulas. A porcentagem referente aos que fazem as aulas foram inseridas no gráfico a seguir (GRÁFICO 3):

GRÁFICO 3. Quantidade de homens que costumam fazer as aulas de dança.



As principais razões pelas quais os entrevistados acreditam que os homens têm dificuldade em dançar, se devem à rotulação que dança é para mulheres (24%) e timidez (24%), seguido pela relação com a homossexualidade (22%), falta de habilidade (17%), desinformação sobre benefícios (11%) e outros (2%). O que assinalou a opção “outro”, atribuiu à *falta de cultura* (GRÁFICO 4).

GRÁFICO 4. Razões pelas quais os homens têm dificuldade de dançar.



4 DISCUSSÃO

O principal objetivo desse estudo foi verificar no município de Bebedouro/SP a relação do gênero masculino com a prática da dança, a partir de questões sociais como preconceitos e dificuldades na área de atuação. De um modo geral, percebe-se que a maioria dos profissionais que participaram da pesquisa já enfrentou algum tipo de preconceito na profissão. Verifica-se que 70% deles já sofreram discriminações e que existem alguns fatores que dificultam a participação masculina na dança.

Vale ressaltar que houve predominância quanto ao preconceito de gênero. Alguns participantes responderam que esses preconceitos se devem ao fato de que muitas pessoas relacionam a dança com uma arte feminina. Primeiro é importante enfatizar que durante a história da dança, a questão de gênero sempre esteve presente muito forte. O homem que antes possuía papel de destaque na dança, começou a perder esse posto quando a lhe ser exigido outras capacidades que não fossem os seus atributos corporais, pois com o fortalecimento das sociedades burguesas, passou-se a exigir mais produção, eficiência e racionalidade (HANNA, 1999). Desta maneira, a medida que o homem foi perdendo esse papel de destaque, a dança passou a ser associada à imagem da mulher e este cenário foi se consolidando com o passar dos tempos, sendo uma das razões pela qual atualmente muitos ainda associam a dança com uma arte feminina. Pode-se dizer também que é

por essas razões que a maioria dos participantes (24%) acreditam que a rotulação que dança é para mulheres, juntamente com a timidez (24%), foi o item mais assinalado quando perguntados sobre as razões pelas quais os homens tem dificuldades em dançar. Ainda pelo mesmo motivo, pode-se explicar o baixo índice de homens que fazem aulas de dança, pois, ao observar o gráfico 7, percebe-se que a maioria dos participantes (47%) respondeu que de 1 a 4 homens costumam fazer suas aulas, ou seja, uma quantidade bem pequena.

Além disso, cabe apontar que, há diversos estudos (CORREIA, 2001; ANTUNES; REIS; SANTOS, 2008; NASCIMENTO, 2013.) evidenciando que, em várias partes do Brasil, há uma cultura muito resistente que enxerga a dança como uma atividade típica de mulheres e associa o homem que a pratica como um homossexual. Entretanto, salienta-se que nem todos os estilos de dança apontam para um domínio feminino na área, pois em alguns casos, a figura do homem é a principal, como por exemplo no hip-hop (WELLER, 2005). Porém, no caso deste estudo, apesar de um dos participantes que trabalha com esse estilo não ter relatado sofrer preconceitos de gênero, disse já ter sido comparado com gangues de rua. Pode-se dizer que essa comparação é fruto de um pensamento construído socialmente, ligado à história do surgimento do hip-hop na década de 1970 nos Estados Unidos, onde em meio a uma grande onda de violência e graves problemas sociais que se espalhavam pelo país, os jovens se reuniam para promover disputas através da dança com o objetivo de acabar com as brigas (FOCHI, 2007). A partir de então, e com a disseminação do estilo pelo resto do mundo, criou-se um estereótipo para os dançarinos de hip-hop, associando-os com pessoas violentas e bagunceiras.

Um ponto que chamou a atenção diz respeito às razões pelas quais os homens tem dificuldade em dançar. Somente 11% dos participantes assinalaram que essa dificuldade está relacionada à desinformação sobre os benefícios que a dança proporciona, ou seja, a grande maioria parece ter consciência das vantagens em se praticar a dança, porém não a fazem porque o fator preconceito se sobrepõe aos demais e por essa razão muitos ainda não conseguem quebrar essa barreira. Embora estudos apontem diversos benefícios em se praticar a dança, como por exemplo, melhora da consciência corporal, coordenação motora, força, equilíbrio dentre outras (FARO, 1986; SILVA, 2007; SILVEIRA et al. 2008), ainda se encontra muita resistência e dificuldade para inserir o homem no mundo da dança.

Este estudo verificou que grande parte dos participantes possui ensino superior completo ou em andamento, sendo que deste que possuem formação acadêmica, a grande maioria pertence à área da Educação Física. Logo, é de suma importância que os profissionais de Educação Física liderem esforços frente aos profissionais do meio informal de educação da dança e articulem estratégias no sentido de quebrar esse paradigma e fazer entender que o gênero não é construído tão somente através da prática de um estilo de dança, mas sim, como bem nos assegura Torres (2001), surge através de uma construção social que envolve diversos aspectos políticos, psicológicos e econômicos. Essa, porém, não é uma tarefa fácil, mas o profissional de Educação Física possui conhecimentos específicos advindos de sua formação acadêmica, que poderá contribuir para uma reflexão na área da dança, ampliando discussões sobre o corpo dançante e conscientizando sobre o papel social da dança. E desta maneira, como nos aponta Giusepp e Romero (2004), poderá fazer com que a dança seja encarada como uma atividade para todos, independentemente do gênero de quem a pratica.

5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise do panorama referente à participação masculina na área da dança no município de Bebedouro/SP, uma reflexão acerca do contexto histórico e benefícios da prática da dança, além disso nos permitiu conhecer a realidade do público estudado e avaliar possíveis dificuldades frente a questões sociais como preconceitos e dificuldades,

Concluiu-se que a maioria dos indivíduos participantes já sofreram discriminação e enfrentaram algum tipo de preconceito durante sua trajetória profissional, com destaque para o preconceito de gênero. Os resultados demonstram o quanto o preconceito conserva-se enraizado na nossa cultura.

Observou-se, de forma geral, o quão relevante é abordar a temática do preconceito associado à presença masculino na área da dança. Partindo da concepção de que a dança é capaz de proporcionar múltiplos benefícios para quem a pratica, e de que ela é uma arte que pode ser praticada por qualquer pessoa independentemente de gênero, constatou-se a necessidade de se pensar em diferentes estratégias que possam conquistar mais adeptos do público masculino e

desconstruir ideias preconceituosas que venham a impedir os mesmos de experimentarem a dança.

É possível que novos estudos aprofundem a questão aqui estudada e tragam mais informações relevantes. Novas pesquisas poderiam, por exemplo, colher relatos dos homens que fazem as aulas de dança ou até mesmo ampliar o questionamento entrevistando o público masculino que estão em formação na área de Educação Física e talvez dessa forma descobrir novos processos criativos que possam contribuir para a solução da temática abordada nesta pesquisa.

Portanto, vê-se que há uma importância em esclarecer como a questão do preconceito pode ser danosa para o desenvolvimento social e cultural do homem, na medida que os impedem de usufruir de benefícios que a prática da dança proporciona e dificulta a área de atuação dos profissionais que buscam trabalhar com um público maior que não envolvam somente as mulheres. Pensar nessa questão já é uma forma de trabalhar conceitos com vistas a impedir o preconceito e discriminação que possam prejudicar qualquer forma de participação do homem na dança.

REFERÊNCIAS

ANDREOLI, G. S. **Representações de masculinidades na dança contemporânea**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ANTUNES, H. T.; REIS, B. B.; SANTOS, F. C. P. Preconceito aos meninos na prática da ginástica artística. **Movimentum, Revista digital de Educação Física**, Ipatinga, v. 3, n 1, p. 1-18, Fev./Jul. 2008.

BARBANTI, V. J. **Dicionário de Educação Física e Esporte**. 3ª. ed. Barueri: Manole, 2011.

BARBOSA, A. M. **Arte-educação no Brasil**. 7ª. ed. São Paulo: Perspectiva, v. 139, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, p.229, 2011.

BENCARDINI, P. **Dança do Ventre - Ciência e Arte**. 1ª. ed. São Paulo: Barúna, p.218, 2012.

CORREIA, A. M. Uma outra questão de gênero: A inserção masculina na dança e suas relações com a educação e a cultura corporal. In: XII Congresso Brasileiro de

Ciências do Esporte, 2001, Caxambu (MG). **XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, 2001. v. 1CD.

DEHEINZELIN, M.; LIMA, Z. V. C. **Professor da pré-escola**. 3ª. ed. São Paulo: Fundação Roberto Marinho, v. 2, p. 184 1994.

DOMINGUES, J. V.; BANDEIRA, E. D. O. Bailarinos na ponta pode: as masculinidades do ballet clássico. In: Simpósio Nacional de Educação Física, XXIX, 2010, Pelotas. **Anais do Simpósio Nacional de Educação Física**. Pelotas: ESEF/UFPel, 2010.

FAHLBUSCH, H. **Dança moderna-contemporânea**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

FOCHI, M. A. B. Hip hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social? **Revista da Faculdade de Comunicação da FAAP**, São Paulo, n. 17, p. 61-69, 1º sem. 2007.

FONSECA, J. J. S. D. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIUSEPP, E.; ROMERO, E. "...Para ser macho não pode negar fogo, tem que ser viril. Então não tem nada a ver com a dança..." **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, n. 8, p. 139-154, 2004.

HANNA, J. L. **Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafio e desejo**. Tradução de Mauro Gama. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, p.420, 1999.

JESUS, B. D. **Anais da VI Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Conferência Nacional dos Direitos da Criança e Adolescente. Brasília: Conanda, p. 126-130, 2005.

MENDES, A. F. **Dança Imanente: uma dissecação artística do corpo no processo de criação do Espetáculo Avesso**. 1ª. ed. São Paulo: Escrituras, 2010.

MENDES, F. D. **A dança do corpo vestido: um estudo do desenvolvimento do figurino do balé clássico até o século XIX**. 1ª. ed. São Paulo: Mombak, 2015.

NASCIMENTO, D. E. D.; AFONSO, M. D. R. A participação masculina na dança clássica. Do preconceito aos palcos da vida. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 1, p. 219-236, jan./jun. 2013.

POPE JUNIOR, H. G.; A. PHILLIPS, K.; OLIVARDIA, R. **O Complexo de Adônix: a obsessão masculina pelo corpo**. Tradução de Sérgio Augusto Teixeira. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PORTINARI, M. **História da dança**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 3ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez 1995.

TADRA, D. S. A. et al. **Linguagem da dança**. 1ª. ed. Curitiba: Ibpex, v. 2, 2009.

TORRES, I. C. A perspectiva de poder em Foucault e suas conexidades com as relações de gênero. **Pensamento & Realidade**, São Paulo, v. 9, p. 77-88, 2001.

TURNER, B. S. **Corpo e Sociedade**. Tradução de Maria Silvia Mourão. 1ª. ed. São Paulo: Idéias & Letras, 2014.

VERDERI, É. B. L. P. **Dança na escola**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

VIANNA, K. **A Dança**. 6ª. ed. São Paulo: Summus, p.154, 2005

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 176, 2000.

WELLER, W. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 107-126, jan/abr 2005.